Um rio chamado Conaputumerim

GUARINO ALVES DE OLIVEIRA *

O suíço Ivan Lind, ex-professor de geografia na Escola Superior Comercial de Gotenburg, é de opinião que para o estudo proficiente de palavras esdrúxulas deve "o geógrafo tornar-se conhecedor da interpretação lingüística do significado original e real dos nomes, que pode ser completamente diferente daquela que apresenta, que a forma geralmente do nome parece indicar." (1)

No caso desta pesquisa de toponímia amerígena poderiam ser mostrados muitíssimos exemplos de mutilações gráficas proporcionadoras de interpretações insensatas. Uma delas: paupina, designação de antiquíssimo aldeiamento silvícola no Ceará, hoje Messejana.

O falecido escritor e poeta Ayres de Montalbo (pseudônimo do Pe. Aloísio Furtado, S.J., meu parente), referindo o vocábulo paupina asseverou: "diz-se que Paupina seria uma corrutela de Padre Pinto, feita pelos índios, em memória do célebre "Amanaiara", e mártir do Ceará, sacrificado pelos índios tocarijus no sopé da serra da Ibiapaba."

Corrutela, sim, mas de pai apina, que significa "pai (padre) tonsurado". Também se dizia pai abuna por causa da batina preta. Com referência à expressão apina temos ibiapina, de ibi = terra + apina = solo cujo mato está cortado.

Entretanto, o melhor da história diz respeito ao tupinólogo famoso Th. Sampaio, que entreviu em PAUPINA (ortografia viciada) uma "lagoa limpa"...

E houve até quem preferisse um "pai pina", ou então "pai a pino"!

---

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

(1) Ivan Lind, De Portugal para o Brasil. Um pequeno estudo de toponímia brasileira. Lisboa, 1963

Às vezes, palavras européias quando assimiladas pelo amerígena cristianizado davam motivo a fonografias exóticas. Segundo Gonçalves Dias, pana era proveniente de "pano" em português, e papera, oriundo de "papel". Ora, um pesquisador apressado aceitaria "papera" como possível corrutela do tupi tapera ou casa, aldeia abandonada, em ruína.

Uma coisa é certa: os Mestres também se equivocam. Muitas pessoas cultas cometeram enganos involuntários em questões de tupinologia. É o que mostrarei em seguida, a propósito do topônimo Conaputumerim, referente a um pseudo rio do município Ceará-Mirim no Estado do Rio Grande do Norte, bastante divulgado em "datas" de sesmarias e em mapas do século dezessete, porém com diferentes grafias. O próprio cartógrafo João Teixeira Albernaz chegou a confundir o riacho com o rio Ceará-Mirim.

Cândido Mendes de Almeida, notável historiador maranhense, fez esta observação:

"No mapa de Pero Coelho de Sousa copiado por Diogo de Campos Moreno na sua obra Livro que dá Razão d'Estado - chama-se rio Conaputu-mirim, mas em outro mapa da mesma obra o rio Conaputu-mirim é o imediato ao Ceará-Mirim, mas outra é a sua ortografia - Cauaputu mirim.[2]

Observe-se agora o seguinte tópico do Roteiro da Costa de Nicolo Van Geekerkan, pertencente à Biblioteca de Haia: "continuando, ao longo, encontram-se os seguintes rios e baías, tais como os rios: Siara, Senapatumeri, Facuatico e Pequetinga, todos de pouca importância e estranhamente despovoados." (Grifos meus)

Em "datas" de sesmarias verifica-se que o topônimo indica um rio distinto do atual Ceará-Mirim. Por exemplo: as "datas" 43 e 77 do Auto de repartição das terras em 1614: a) hu riacho por nome cona potu merim; b) ryo canapotú merim.

A acidência nomeada nunca foi o rio Ceará-Mirim, apesar do engano de João Teixeira Albernaz num dos seus mapas. Porém, as grafias, que se diferem, são um convite irresistível para quem se dedica a investigações desse naipe.

[2] O mapa citado por Cândido Mendes foi debuxado por João Teixeira Albernaz.

Primeiramente, trago à tona o Des. Luís Fernandes, saudoso sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Para ele, CONAPOTU-MERIM era com certeza um outro CONAPOTU-MERIM de documentos examinados, e explica:

... "Como consta daqueles que era beira-mar e diz um destes que fica a nordeste de Pirangi, distante uns 6 quilômetros da praia, podemos concluir que, perdendo seu nome a primeira parte de que se compunha, passou ele, com o tempo a chamar-se Potumirim, exatamente ao norte de Pratagi e onde há uma pequena lagoa que despeja no mar por tênue regato, a que chamam hoje Maceió."

A localização está correta, e Potumirim transformou-se em Porto-Mirim. Resta agora saber o que significa em tupi o vocábulo CONAPUTU-MERIM.

Para o Des. Luís Fernandes a grafia primitiva do topônimo seria UNAPOTU-MIRIM, e a agrega: "Esta opinião é tanto mais aceitável quanto é sabido que a praia de Porto Mirim, rasa e desabrigada, nunca teve um porto, que pudesse justificar em seu nome."

Mais adiante, vem a explicação de UNAPOTU-MIRIM nestes termos:

É sabido que Jacaúna era irmão de Poti, famoso chefe Potiguara, e que, constituindo cabilda à parte, tornou-se por sua vez Chefe de numerosa tribo dessa nação: tanto que transportado com seus índios para o Ceará em 1603, por ocasião da expedição de Pero Coelho em 1603, já ali fora encontrar nesse mister, 1609, Martim Soares Moreno, a quem dedicava grande afeição e prestava inolvidáveis serviços na conquista e fundação da vizinha capitania do norte.

Ora, separado da família, Jacaúna deixou nas margens do Potengi, a saudosa taba de Igapó, buscando as praias do norte, foi fixar sua aldeia às margens da lagoa e tênue regato a que acima nos referimos. Mas, o grande Poti , e o seu nome, que Alencar diz derivar-se de Jacarandá e pixuna – jacarandá preto – muito naturalmente acrescentou-se Putim-mirim – o pequeno Poti, formando-se, por contração do radical, o nome Cona ou Cana poty-mirim, ou mais eufonicamente, Una puti mirim, com que os naturais, para mostrar a sua procedência, distinguiam o filho de

Potiguaçu e que, mudado o chefe para o Ceará, ficou ligado ao sítio em que residiu.

Nenhuma importância tem opor-se ao nosso assento a circunstância de se achar escrito nos documentos – putu, e não puti; não só porque a ortografia desta palavra anda por aí muito adulterada – vide minha memória sobre o Camarão, 2ª desta revista, p. 129, como porque na língua brasílica, talvez pela pronúncia especial dos indígenas, muitas vezes, empregava-se u ou i para exprimir a mesma coisa.

O Des. Luís Fernandes era da época em que muitas "sumidades" em literatura histórica enxergavam as coisas de maneira arbitrária.

Em primeiro lugar, nenhum cronista, nenhum documento oficial, refere o Jacaúna como Chefe tribal às margens do Potengi ou em outro lugar. Além disso, ele não participou da célebre Jornada de Pero Coelho de Sousa ao Ceará, pelo menos como indivíduo de destaque. Frei Vicente do Salvador cita os nomes dos "maiorais" acompanhantes de Coelho de Sousa e não consta o de Jacaúna. Por outro lado, quando da Conquista da Capitania pelo Capitão-Mor Mascarenhas Homem em 1597, desfilaram todos os caciques potiguares e tabajaras, amigos e inimigos dos portugueses, menos Jacaúna. Este, citado por Martim Soares Moreno como "maioral" no Ceará em 1611, continua obscuro na sua vida pregressa, não se sabendo com certeza se era Potiguar ou Tabajara, se nascera no Rio Grande ou no Ceará. Irmão de Poti? Só mesmo na novelística de José de Alencar. Aliás, está suficientemente provado que Poti ou Felipe Camarão era filho, e não pai do outro Potiguaçu que fizera as pazes com Mascarenhas Homem em 1597. Apenas se sabe, portanto, que Poti entra para a História como guerreiro em Pernambuco, ignorando-se o lugar de seu nascimento. Enfim: Jacaúna poderia ser parente de Potiguaçu, ou até mesmo um Potiguara, e nada mais.

O fato é que um UNA POTI MIRIM como recordação de aldeia de Jacaúna carece de prova. Demais a mais, Potu não tem efeito de Puti. Do mesmo modo o UNA, adulteração ortográfica, a exemplo de CUNA e CONA. E devo ressaltar que o nome "Jacaúna"

significa jacá = cesto + una = preto, erroneamente transformado por José de Alencar em "jacarandá preto". Ora, jacarandá por si próprio, em tupi, é madeira e, como tal não deve ser confundido com cipó ou vara com que se confecionavam cestos.

Certo está Ivan Lind, ao afirmar que as palavras se modificam ao longo do tempo, tornando-se irreconhecíveis, ou exprimindo idéias extravagantes. Haja vista, Sanfins, oriundo de S. Felix; Santarém, de Santa Irene; e Canal, derivado de canavial, topônimos lusitanos citados por Lind.

Deixemos à margem as conjecturas de Luís Fernandes e vejamos agora a verdadeira origem do vocábulo CONAPUTUMERIM.

Tratar-se-ia por acaso do tupi CONAPU AUPOMI MIRIM, o peixe "Mero"? Não creio, embora CONAPU lembre as ortografias COMA, CANA, CENA, CONA e SENA, com as finais MERI, MIRI, MERIM e MARI assinaladas em "datas" de sesmarias e em mapas portugueses e flamengos da época, como se mostra:

DATAS DE SESMARIAS: Cona Poti Merim, 1602; Canaputumerim, 1604.

MAPAS PORTUGUESES: Conaputamirim,1614; Conaputumirim, 1625; Cena Potumari, 1624.

MAPAS FLAMENGOS: Senapatumeri, 1635; Cenapoahimiri, 16 (?)

Significativo é que SENA, 1635 + POTU, 1642 + MARI, 1642, se combinadas dariam a expressão SENA PORT MARIN, lugar habitado, mas depois transformado em Porto Mirim. O "Sena" poderia ser nome próprio. Marim lembraria a antiga Olinda de entreposto comercial francês em Pernambuco, palavra que os silvícolas, segundo Varnhagen, pronunciavam como Mayr-ry = água dos franceses. No Rio Grande do Norte, enfim, ela teria se convertido em meri, miri, merim e mirim. No entanto, sabemos que MIRIM (ou merim) é um diminutivo tupi.

Ora, conforme o velho adágio, as aparências enganam. O misterioso CONAPUTUMERIM nada tem a ver com o peixe "mero", e muito menos com Jacaúna e Poti...

É sabido também que o erudito Luís da Câmara Cascudo, porque boiando nas águas de Luís Fernandes, atribuiu ao vocábulo conaputu o significado de : "agora aqui o pequeno Poti!"[3]

Sobre êste ponto, é necessário afirmar desde logo, em último termo, que a hipótese do autor não é satisfatória. Há no Tupi a expressão PUTUÚ, e isto, nem mais nem menos, diz respeito a um vegetal existente na várzea cearamirinense, de preferência nas margens dos rios e riachos. Esta espécie, planta da família dos Solanáceas (Physalis angulata) Lin., ocorre também na foz do rio Açu, município deste mesmo nome, mas, a sua vez, de ortografia diferente: CONAPUM, quando a outro é CONAPU.

Depois de tudo, eis a pedra de toque, em Tupi PUTUÚ quer dizer "onde se para para descansar", ou melhor dizendo, CONAPOTU (Ú) MERIM, descanso Conapú para quem viaja, e finalmente, pequeno lugar para esse fim...

Como pode apreciar-se, deste inocente e complicado topônimo "nasceu" o travesso PORTO-MIRIM, atual praia de Muriú, que os mapas antigos registram como rio, e hoje, consoante o saudoso Desembargador Luís Fernandes, "tênue regato" procedente duma lagoa chamada Maceió.

[3] Luís da Câmara Cascudo, Nomes da Terra. Geografia, História e Toponímia. Natal, 1968.